

CARTA

a Romain Rolland

NA LINHA QUEBRADA da nossa época...

CARTA

a Romain Rolland

Amigo:

Separaram-nos muitos anos. Tens a idade dos nossos avós, mas permíte-nos que te tratemos assim fraternalmente, sem mais rodeios nem adjetivos, chamando-te simplesmente: Irmão.

O tempo que passou sobre a tua vida não te envelheceu. Tens, como nós, os olhos postos no futuro, ao contrário dos velhos que só olham para o passado.

Nesta hora de angústia para a Humanidade ouve a nossa voz que se levanta do lado de cá dos Pirineus afirmando a nossa presença.

Nesta hora de dúvida para a Europa nós estamos com a certeza, com aquela certeza que tu nos ensinaste.

Tu, para nós, não és simplesmente um grande escritor, o autor do *Jean Cristophe*, o genial literato que fez reviver Beethoven, Tolstoi e Miguel Angelo, o dramaturgo de *Danton* que a palavra eloquente de Jaurés apresentou aos trabalhadores de Paris.

Não és um nome que aprendemos por via cultural e que repousa mansamente sobre a nossa mesa de trabalho, escrito na capa de um livro. És muito maior, muito mais amplo, muito mais vivo. És um símbolo, um exemplo, um Homem.

O homem que nunca se esqueceu da sua missão, o homem que nunca se atirçou, que fez da sua vida uma obra e da sua obra uma vida.

Foi de entre os escombros do nosso mundo que retiraste moribunda e despedaçada a força humana da tua obra e foi vivendo a angústia profunda da vida do nosso tempo que descobriste essa força oculta que as tuas páginas comunicam.

Tu, como poucos ou ninguém, abriste de par em par as portas da nova consciência e da nova moral que são as promessas que a nossa missão de homens conscientes quer legar a um mundo já sem consciência e sem moral.

Tu disseste-nos, com a tua

1

Cultura e Realidade Nacional é o título dum penetrante artigo publicado por «O Diabo» de 7 de Janeiro de 1939. Artigo que tem sobretudo esta grande qualidade de toda a verdadeira teoria: ser um esboço de acção concreta. Aponta um caminho que pelo menos a nova geração deve percorrer em todos os sentidos, para que desapareçam as «lágrimas e ansiedades» portuguesas: «o caminho da pesquisa e da determinação das faculdades nacionais, o caminho da esquematização gráfica de todos os reais valores da colectividade nacional. Um estudo profundo das nossas possibilidades económicas (a organização da nossa indústria e da nossa agricultura; a posição relativa do operário, do camponês, do comerciante, do proprietário e as suas diferentes condições de vida); um estudo honesto das nossas reservas morais (uma revisão da ética tradicional da nação); um estudo dissecador das nossas possibilidades culturais e intelectuais (o ensino, a ciência, a literatura, o pensamento crítico, em função de uma utilidade directa de todos os cidadãos). Procurar desenhar uma cultura nacional é efectivar todo esse trabalho de resolução científica dos múltiplos problemas que estamos habituados a considerar, não simplesmente como problemas mas sim como becos sem saída».

2

As misticas surgiram para insensibilizarem os homens perante as suas dores. Dores causadas por certas forças da natureza ou por certas forças sociais. Será então admissível esse papel? E' evidente que não. Porque as dificuldades da nossa luta com a natureza e com o quotidiano não nos devem encontrar fumando ópio ou de braços cruzados. Devem, pelo contrário, encontrar-nos solidamente instalados no aproveitamento racional do progresso das forças produtivas, de forma a podermos dominar de vez essas dores que nos atormentam.

3

«A revista alemã, *Arquivo de Biologia*, no seu Ano 30.º com o título *A utilidade dos bombardeamentos aéreos sob o aspecto social e da higiene social*, diz: «Serão os bairros povoados que mais terão a sofrer... Ora estes bairros são habitados por gente pobre, que não triunfou na vida, por desherdados da comunidade, que desta forma, se desembaraçará deles... Por outro lado, a explosão de fortes engenhos, com o péso duma tonelada e mais, além de semear a morte, provocará fatalmente muitos casos de loucura. As pessoas de débil sistema nervoso não poderão suportar o embate. E assim, o bombardeamento ajudará a descobrir os neurasténicos e a arreidá-los da vida social».

(Do «Diário de Coimbra», de Junho de 1938)

4

Há ainda algumas pessoas, felizmente poucas, que se supõem dignificadas por responderem: *isso não me interessa*, quando se lhes pergunta a sua posição perante certos problemas fundamentais da vida actual.

Questões pedagógicas, económicas, sexuais, filosóficas, sociais?—quero lá saber disso—respondem. No entanto, esses indiferentes sofrem, queixam-se da vida. Esperarão que ela resolva um dia modificar-se por si própria, só para lhes dar prazer?

obra e a tua vida, que só com sacrifício é que se pode transformar um mundo nas suas raízes.

Foste tu que fizeste ver a responsabilidade da nossa acção e da nossa cultura, não como mera abstracção idealista mas como ditame da nossa vida, como lente para a nossa realidade, como o farol para as tentativas afirmativas da nossa criação.

Mestre Romain Rolland! Amigo Rolland! Abraçamos-te e em ti abraçamos a França. Não a França decorativa mas a França Verdadeira, pronta a levantar-se ao primeiro grito de Justiça. A França apóstolo da Civilização, da Moral e da Cultura, a França Imortal que o teu Olivier responde ao teu Jean Christophe: «Como te permítes caluniar um povo que, há mais de dez séculos, age e cria, um povo que amassou o mundo à sua imagem, com a arte gótica, o século dezassete e a Revolução—um povo que, vinte anos, passou pela prova de fogo e nela se retemperou, e que, sem nunca ter morrido, ressuscitou vinte vezes».

E' essa França que abraçamos ao abraçar-te. Essa França que jaz adormecida prestes a ressuscitar pela vigéssima primeira vez. A França que se impõe ao Mundo pela força do seu espírito e jámais pela barbarie duma guerra total.

Falou pela minha boca a palavra de muitos, a palavra de todos. E' missão da nossa geração não o esforço isolado e romântico do indivíduo, mas sim o «élan» do homem integrado no ritmo social e histórico da sua época, sofrendo todas as angústias e vivendo todas as aspirações do seu presente.

Romain Rolland, velho e jovem como a França, és o símbolo vivo de uma cultura que se não pode extinguir.

Querido Romain Rolland, nós estamos com a tua força de viver.

Aos teus 73 anos te saudamos!

ANTONIO RAMOS DE ALMEIDA